

ARTIGO | *PAPER*

## CONEXÕES ATLÂNTICAS E PERSISTÊNCIAS INDÍGENAS: UMA PERSPECTIVA DA CALIFORNIA<sup>a</sup>

Lee M. Panich<sup>b</sup>

Tradução:  
Gabby Omoni Hartemann

a A tradução foi realizada por Gabby Omoni Hartemann, Universidade Federal de Minas Gerais, doutorande em Antropologia e Arqueologia. Bolsista CAPES. E-mail: [gab.hartemann@gmail.com](mailto:gab.hartemann@gmail.com)

b Santa Clara University, Department of Anthropology. Email: [lpanich@scu.edu](mailto:lpanich@scu.edu)

## RESUMO

Embora a Califórnia se situe na costa do Pacífico da América do Norte, a sua história colonial tem laços duradouros com o Atlântico. Este artigo examina a arqueologia destas conexões atlânticas com uma consideração dos impactos da colonização euro-americana e da persistência indígena. As primeiras explorações europeias da região começaram no século XVI, quando a região foi reivindicada tanto pela Inglaterra como pela Espanha, mas os contatos com as comunidades indígenas californianas foram isolados e de curta duração. Mais tarde, no século XVIII, os missionários que trabalhavam para a Coroa Espanhola estabeleceram uma rede de missões através da Califórnia e da península da Baja Califórnia. Embora as missões tenham tido impacto em quase todos os aspectos da vida indígena, evidências arqueológicas e históricas demonstram como os nativos conseguiram manter suas tradições culturais e laços com seus lugares ancestrais. Depois dos Estados Unidos terem ganho o controle da Califórnia em meados do século XIX, as pessoas nativas californianas enfrentaram novos desafios, incluindo a violência dirigida em muitas partes da região. Apesar dos desafios metodológicos, as abordagens arqueológicas emergentes proporcionam uma visão de como os povos indígenas perseveraram dentro dessas situações de mudança e como podemos honrar a persistência indígena atualmente.

## PALAVRAS-CHAVE

Califórnia, missões, colonialismo de colonos, persistência indígena.

---

## ABSTRACT

Although California lies on the Pacific Coast of North America, its colonial history has enduring ties to the Atlantic. This paper examines the archaeology of these Atlantic connections with a consideration of the impacts of Euroamerican colonization and Indigenous persistence. The first European explorations of the region began in the sixteenth century, when the region was claimed by both England and Spain, but the contacts with Native Californian communities were isolated and of short duration. Later, in the eighteenth century, missionaries working for the Spanish Crown established a network of missions across California and the Baja California peninsula. Although the missions impacted nearly all areas of Indigenous life, archaeological and historical evidence demonstrates how Native people managed to maintain cultural traditions and ties to their ancestral homelands. After the United States gained control of California in the mid-nineteenth century, Native Californians faced new challenges including directed violence in many parts of the region. Despite methodological challenges, emerging archaeological approaches are providing insight into how Native people persevered under these changing conditions and how we can honor Indigenous persistence in the present day.

## KEYWORDS

California, missions, settler colonialism, Indigenous persistence.

## COMO CITAR ESTE ARTIGO

PANICH, Lee M. Conexões Atlânticas e Persistências Indígenas: Uma Perspectiva da Califórnia. Cadernos do Lepaarq, v. XIX, n.37, p. 124-141, Jan-Jun. 2022.

## INTRODUÇÃO

A arqueologia dos encontros coloniais nas Américas pode ser vista por vários ângulos diferentes, como mostra a abordagem intencionalmente “cubista” utilizada na influente série de livros *Columbian Consequences* publicada há cerca de três décadas (THOMAS, 1989, 1990, 1991). Esses volumes e os extensos debates em torno do aniversário de 500 anos da primeira viagem de Cristóvão Colombo encorajaram arqueóloga(o)s a ampliar o escopo da arqueologia do colonialismo nas Américas. Desde então, a(o)s arqueóloga(o)s trabalhando na costa do Pacífico da América do Norte – e na Califórnia, em particular – têm estado na vanguarda dos esforços realizados no intuito de equilibrar o interesse acadêmico relativo à imposição de sistemas coloniais euro-americanos, considerando as histórias indígenas de longo prazo (HULL, 2009; LIGHTFOOT, 2005; LIGHTFOOT; GONZALEZ, 2018; PANICH, 2020; SCHNEIDER, 2021).

No âmbito desta coletânea de artigos focados nas conexões atlânticas, é possível perceber a Califórnia como existindo na periferia do império atlântico da Espanha, ou até como o ponto culminante do implacável avanço da costa atlântica em direção ao oeste por colonos dos Estados Unidos. Certamente, para aqueles que abordam o tema com a perspectiva dos impérios europeus globais, é crucial entender como a Espanha e outras nações expandiram seus objetivos econômicos, culturais e religiosos pelo Atlântico e ao redor do mundo (SKOWRONEK, 2009). Mas também é preciso prestar muita atenção às frestas no sistema mundial. Tal como pesquisas recentes demonstraram, há muito a aprender sobre como os povos indígenas nas Américas vivenciaram e recontextualizaram o colonialismo global (BEAULE; DOUGLASS, 2020; BUSCAGLIA, 2017; PANICH; GONZALEZ, 2021). O registro arqueológico, em particular, pode revelar detalhes e histórias que não estão bem representadas em fontes documentais, principalmente para áreas periféricas como a Califórnia.

Neste ensaio, examino como a arqueologia pode fornecer informações em relação às negociações de povos indígenas durante três diferentes momentos em que os processos de colonialismo os colocaram em contato com o mundo atlântico. Início com as primeiras viagens europeias à Califórnia no século XVI e começo do século XVII. Esse primeiro momento levou a encontros isolados na Alta Califórnia (atualmente a Califórnia estadunidense), bem como a esforços mais prolongados dos espanhóis para colonizar a península da Baixa Califórnia (os estados mexicanos de Baja Califórnia e Baja Califórnia Sur). A segunda parte do artigo aborda o início da colonização plena, a qual chegou no formato de missões religiosas operando como apoio ao Império Espanhol nas três Califórnicas. Essas missões impactaram inúmeras comunidades indígenas através da realocação forçada, das exigências de trabalho, da conversão religiosa e da disseminação de doenças. O terceiro momento coincide com a anexação da Alta Califórnia pelos Estados Unidos em 1846, evento que desencadeou a violência genocida contra muitas comunidades indígenas por parte dos colonos brancos.

Apesar desses obstáculos, indígenas californianos ainda estão aqui hoje no século XXI. Qualquer tentativa de ligar a Califórnia ao mundo atlântico deve reconhecer os impactos

do colonialismo euro-americano, mas também o fato de que os povos indígenas mantiveram suas próprias comunidades vivas e fortes ao longo do tempo. Na Califórnia, pesquisas recentes abordaram essas questões por meio de várias perspectivas, incluindo o conceito de sobrevivência de Gerald Vizenor (ACEBO, 2021) ou ainda os processos relativos de recursos pesquisados por Tsim Schneider (2021). Em minha própria pesquisa, usei o conceito de persistência para entender como os indígenas da Califórnia navegaram pelas circunstâncias coloniais confiando em tradições culturais duradouras, ao mesmo tempo em que incorporavam novas formas materiais e relações sociais em suas vidas diárias (PANICH, 2020; PANICH et al., 2018). Outra(o)s arqueóloga(o)s têm utilizado noções semelhantes de persistência para examinar as relações entre comunidades indígenas e colonos europeus em vários cenários, incluindo a costa atlântica do Brasil (SALLUM; NOELLI, 2020). Como Silliman (2014) salientou, no entanto, não concordo com o uso universal de um conceito ou de outro. Em vez disso, cada termo pode abordar variações locais de processos globais semelhantes da presença indígena de longo prazo.

## **ENTENDENDO A CALIFÓRNIA INDÍGENA**

Os povos indígenas têm vivido desde tempos imemoriais no que são hoje as três Califórrias. Algumas das primeiras evidências arqueológicas datam de mais de 13.000 anos, e novas pesquisas estão continuamente encontrando mais provas da ocupação inicial da costa do Pacífico da América do Norte (BRAJE et al., 2017; DES LAURIERS et al., 2017). Mas a longa história da presença indígena na Califórnia não significa que as culturas nativas eram imutáveis ou estáticas (LIGHTFOOT, 1995; RUBERTONE, 2012). Pelo contrário, a Califórnia indígena foi uma região diversificada e cosmopolita durante milênios antes da chegada dos europeus. No final da era anterior ao contato com europeus, a região abrigava centenas de comunidades independentes, distribuídas em várias dezenas de importantes famílias linguísticas (Figura 1). Enquanto povos principalmente caçadores-coletores-pescadores, em muitas partes da Califórnia, as comunidades indígenas utilizavam práticas sofisticadas de manejo da paisagem focadas em queimadas periódicas de baixa intensidade. Esse uso controlado do fogo permitiu que elas mantivessem um mosaico de diferentes habitats em diferentes estágios de sucessão ecológica dentro de um único território étnico (LIGHTFOOT; PARRISH, 2009). Permeando os grupos linguísticos e as terras ancestrais de comunidades distintas, existiam redes de troca de longa distância centradas principalmente em contas de conchas e obsidiana, ambas altamente valorizadas desde os primeiros tempos (HUGHES; MILLIKEN, 2007). No início da colonização, várias tradições religiosas amplamente distribuídas aumentaram essa complexidade, conectando membros de diferentes comunidades indígenas por meio de obrigações cerimoniais e espirituais (BEAN; VANE, 1978). Em vez de uma simples linha de base para medir as mudanças no período colonial, esse dinamismo das tradições políticas e econômicas fundamentaram as negociações dos povos indígenas em relação às imposições coloniais a partir do século XVI (LIGHTFOOT et al., 2013).



Figura 1. Mapa mostrando as línguas indígenas da Alta Califórnia e do norte da Baixa Califórnia (segundo PANICH, 2020).

## PRIMEIROS ENCONTROS

Apesar da diversidade cultural de seus povos indígenas, durante mais de dois séculos, os europeus pensaram na Califórnia como uma entidade geográfica única. As primeiras reivindicações espanholas se concentraram nas porções do sul da península da Baixa Califórnia. Lá, relatos de pérolas e outras riquezas chamaram a atenção dos exploradores espanhóis, incluindo Hernán Cortés que fundou uma colônia de curta duração em 1535 (CROSBY, 1994). Logo, no entanto, os povos nativos testemunharam as viagens europeias que estavam no processo de mapear as regiões do norte do Golfo da Califórnia e navegando para o norte seguindo a costa do Pacífico. Entre aqueles que vieram para a Califórnia estava Juan Rodríguez Cabrillo cuja expedição, navegando sob a bandeira espanhola, chegou até um ponto tão ao norte quanto o atual estado de Oregon, já em 1542-1543. Várias décadas depois, Francis Drake navegou ao longo da costa do Pacífico e reivindicou a Califórnia para a Inglaterra. Drake ficou na Califórnia por mais de um mês em 1579 para abastecer e consertar seu navio, provavelmente no mesmo local perto de Point Reyes, onde Sebastian Rodríguez Cermeño desembarcou menos de duas décadas depois, em 1595. Cada uma dessas viagens contava com grandes tripulações multiétnicas, compostas por entre 100 e 250 indivíduos, e encontraram membros de várias comunidades indígenas da Califórnia (LIGHTFOOT; SIMMONS, 1998; RUSSELL, 2021).

Alguns estudiosos têm conceituado as primeiras viagens europeias para a costa do Pacífico da América do Norte como o momento em que a Califórnia entrou na “história mundial” (MATHES, 2008). Tais afirmações, contudo, não são apenas etnocêntricas, mas também exageram a importância local dos primeiros encontros entre californianos nativos e europeus. Durante os primeiros 250 anos, tais encontros constituíram eventos curtos e isolados, a maioria dos quais foram mediados por práticas sociais indígenas de longa data. Por exemplo, as práticas de doação e outras trocas de cultura material foram cruciais para o sucesso de muitos dos primeiros lugares de chegada dos europeus na Califórnia. Entre 1540 e 1603, os itens que passaram de mãos europeias para mãos indígenas incluíam tecidos, contas, fitas, e outros pequenos objetos. Em troca, pessoas indígenas presentearam os exploradores com bens necessários - principalmente comida, água, e madeira - e ocasionalmente pacotes de penas e ervas (LIGHTFOOT; SIMMONS, 1998).

De fato, seria mais exato dizer que os europeus foram incorporados à história indígena durante esses primeiros encontros. Um fio comum entre muitos desses contatos – tanto diretos quanto indiretos - é que os nativos californianos incorporaram ativamente coisas e pessoas estrangeiras nas suas práticas e percepções de mundo existentes. A análise das oferendas mortuárias coletadas no sul da Califórnia revelou que objetos estrangeiros, tais como contas de vidro, foram adquiridos e depositados de acordo com os entendimentos locais de hospitalidade e luto (RINGELSTEIN, 2016). Em toda a província, pessoas indígenas exploraram os primeiros navios naufragados em busca de novos materiais, tais como a porcelana, alguns dos quais foram transformados em pontas de projéteis e adornos (RUSSELL, 2021; VON DER PORTEN, 2019). Em cada caso, nativos californianos deram sentido a esses encontros fugazes com pessoas, navios e mercadorias europeias em maneiras que eram coerentes com suas tradições tecnológicas e visões de mundo existentes.

## AS MISSÕES ESPANHOLAS

As missões espanholas da Califórnia constituem hoje os elementos remanescentes mais visíveis do passado colonial da região. Porém, como é o caso para as sociedades indígenas da Califórnia, suas histórias representam interseções complexas entre fenômenos locais e globais. A instituição da missão, tal como foi manifesta na Califórnia, foi refinada ao longo de décadas de trabalho por várias ordens religiosas e seus patrocinadores reais com a intenção de colocar os povos indígenas sob o domínio colonial. No entanto, para além da grande atenção dada hoje ao sistema das missões, seu sucesso nunca foi garantido. Na Califórnia, as tradições culturais e econômicas dos povos indígenas demonstraram ser, em sua maior parte, incompatíveis com a vida sob o sino missionário. Os nativos californianos não estavam dispostos a desistir de suas economias fundamentadas na caça e na coleta, nem se submeteram prontamente à autoridade colonial. Embora dezenas de milhares de nativos fossem eventualmente batizados em missões em toda a Califórnia, cada uma das três principais ordens missionárias - jesuítas, franciscanos e dominicanos - teve que fazer concessões para se encontrar com as pessoas indígenas, pelo menos parcialmente, em seus próprios termos (JACKSON; CASTILLO, 1995; PANICH, 2020; WADE, 2008).

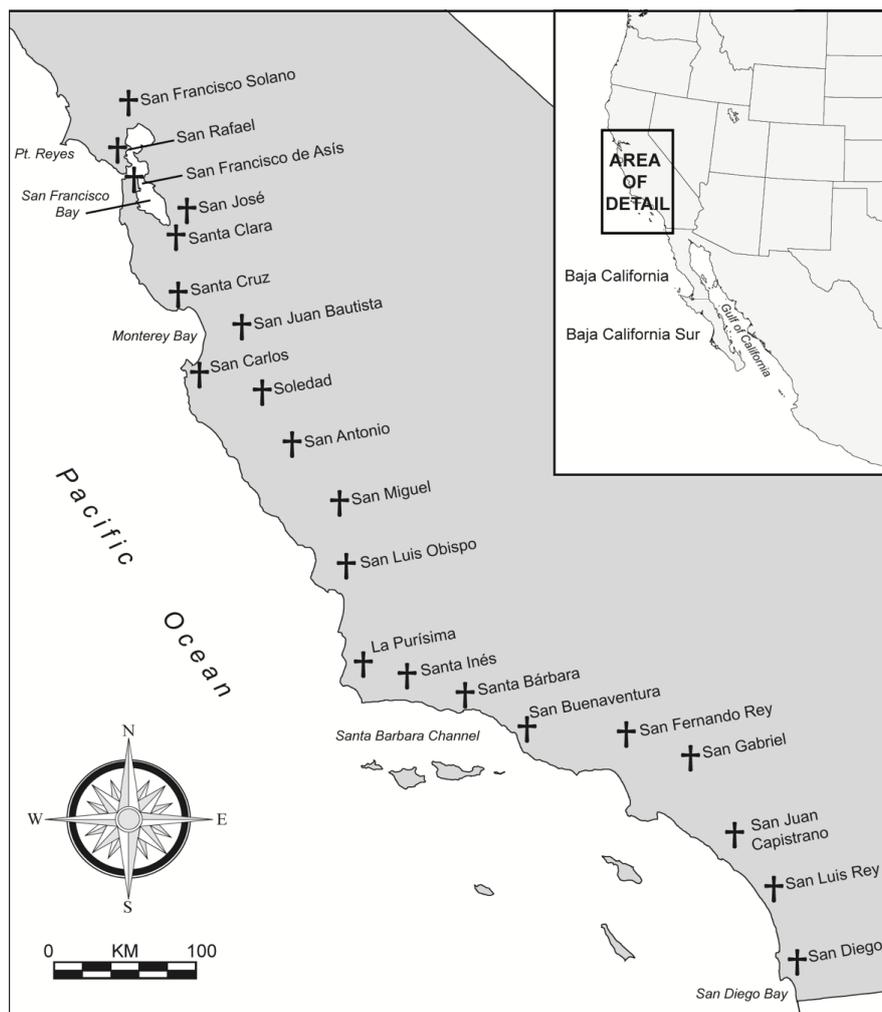


Figura 2. Mapa das missões franciscanas da Alta Califórnia, aprox. 1769-1840s. A localização geral dos estados mexicanos de Baja California e Baja California Sur é representada no quadro *inset*.

Em outubro de 1697, os jesuítas fundaram a primeira colônia missionária na Califórnia, Nuestra Señora de Loreto. Durante os 70 anos seguintes, os jesuítas estabeleceram quase 20 missões nas terras ancestrais dos povos falantes das línguas Pericú, Guaycura e Cochimí da península da Baixa Califórnia (CROSBY, 1994). Apesar da expansão da cadeia de missões, os jesuítas - não apenas da Espanha, mas também da Itália e da Alemanha - se depararam com a paisagem árida e o modo de vida caçador-coletor de seus habitantes (JOHNSTON, 2015). Com a expulsão dos jesuítas da Nova Espanha em 1767, a Ordem Franciscana foi chamada para fazer avançar o campo missionário e garantir a posse da Califórnia contra os interesses coloniais concorrentes. Sob a liderança de Junípero Serra, os franciscanos construíram sua primeira e única missão na Baixa Califórnia, San Fernando de Velicatá (ROJAS CHÁVEZ e PORCAYO MICHELINI, 2015). Entretanto, os franciscanos logo se mudaram para o norte para concentrar seus esforços na Alta Califórnia. Lá, eles estabeleceram um total de 21 missões entre 1769 e os anos 1830, levando a uma presença colonial cada vez maior nos territórios indígenas da Califórnia entre San Diego e a região da grande Baía de San Francisco (Figura 2). Em 1773, missionários dominicanos assumiram tranquilamente o campo missionário na Baixa Califórnia e, eventualmente, preenchendo as lacunas da cadeia missionária entre San Fernando de Velicatá e San Diego (MEIGS, 1935).

Dada a vasta escala geográfica do processo espanhol de implementação de missões nas Califórnia, existem diferenças regionais distintas nas respostas indígenas locais (ver CROSBY, 1994; LIGHTFOOT, 2005; PANICH, 2020). Para manter o texto breve, focarei nas porções da Alta Califórnia ao norte da atual San Diego (ver Figura 2). Lá, os franciscanos usaram a política colonial de *reducción* [redução] para assentar membros de dezenas de instituições políticas indígenas nas missões principais, onde eles poderiam ser vigiados de perto e inculcados com os valores europeus. Apesar dos nativos californianos conseguirem subverter muitos aspectos do processo de estabelecimento das missões, os desdobramentos da *reducción*, doenças e controles sociais rigorosos foram desastrosos para eles (COOK, 1976; JACKSON; CASTILLO, 1995). A colonização também desencadeou a chegada de novas plantas e animais na região, embora o momento exato e o impacto das mudanças ecológicas ainda estejam sendo debatidos (PEELO, 2009). Grande parte dos materiais e suprimentos para a Califórnia, enquanto colônia da Espanha, tinha que ser produzido no local, como no caso da agricultura, ou enviado do continente a partir da Nova Espanha. Um ou dois navios de abastecimento navegavam para a Alta Califórnia a cada ano, trazendo materiais fabricados na Europa e nas Américas, pelo menos até o início da guerra de independência do México em 1810 (ARCHIBALD, 1978).

A arqueologia da vida nativa californiana nas missões da Califórnia é particularmente rica. Por exemplo, conjuntos substanciais de artefatos foram encontrados nas áreas residenciais das pessoas indígenas, as quais eram frequentemente chamadas de *rancherías*, em vários sítios de missões (ALLEN, 1998; BROWN, 2021; DIETLER et al., 2018; PANICH et al., 2018; PEELO et al., 2018). Estes materiais são particularmente importantes porque fornecem uma visão de como os nativos californianos viviam nas suas próprias vizinhanças. Em uma análise conjunta, as evidências oriundas das *rancherías* indígenas ajudam a combater as narrativas dominantes de

perda cultural durante o período das missões, bem como a centralizar a persistência indígena dentro das instituições coloniais (PANICH et al., 2018).

O catolicismo constitui um legado duradouro do colonialismo europeu nas Américas. Mas dada a dura realidade do sistema de missões, não é surpreendente que os nativos californianos tenham hesitado em adotar a nova religião. Pesquisas históricas, por exemplo, sugerem que poucas pessoas indígenas que viviam em locais de missão, abraçaram verdadeiramente os ensinamentos católicos (CORDERO, 2017). Estes padrões são sustentados pela arqueologia. Em certas missões, moradores indígenas foram enterrados com objetos funerários semelhantes aos de seus antepassados do período anterior ao contato com os europeus. Fora dos cemitérios das missões, escavações nas fazendas das missões revelaram restos de cerimônias tradicionais de luto, nas quais pessoas indígenas destruíram os pertences de indivíduos falecidos –incluindo contas de conchas e outros itens de alto valor (DIETLER et al., 2018; PANICH, 2015; POTTER et al., 2021). Tais práticas teriam sido proibidas pela doutrina católica da época, mas conectavam os californianos nativos com as suas tradições religiosas pré-coloniais. Além de fornecer novos detalhes sobre a vida indígena nos próprios locais de missão, o conjunto destes estudos sugere que os povos indígenas desfrutaram de mais autonomia durante a era espanhola do que os estudiosos pensavam anteriormente.

Estas descobertas são complementadas por novas pesquisas que consideram o âmbito maior da vida indígena durante o período das missões na Califórnia. Essas pesquisas incluem locais de refúgio distantes, assim como as conexões que os residentes das missões mantiveram com pessoas e lugares fora do controle das instituições coloniais (SCHNEIDER, 2021). Permeando a paisagem, a pesquisa arqueológica também oferece mais informações sobre as práticas econômicas e tecnológicas indígenas durante o processo de estabelecimento das missões (Figura 3). As contas de vidro, por exemplo, são um item comum nos locais do período das missões. A maioria das contas foi fabricada em Veneza, enviada do outro lado do Atlântico para o México, antes de, finalmente, passar pela costa do Pacífico em direção da Califórnia. Enquanto estes itens eram produzidos na Europa, os nativos californianos os utilizavam das mesmas maneiras que usavam contas de conchas: como moeda, para adorno pessoal e em cerimônias. Além disso, as contas de conchas não foram totalmente substituídas. De fato, sua presença em missões e outros locais contemporâneos demonstra a participação contínua em redes regionais de troca que uniam pessoas para além de grandes distâncias (PANICH, 2014). Os povos indígenas que viviam nas missões também continuaram a adquirir e usar ferramentas feitas de obsidiana e outras pedras para uma série de propósitos, incluindo a resistência armada à ordem colonial (PANICH; HYLKEMA; SCHNEIDER, 2021). Finalmente, estudos zooarqueológicos e paleoetnobotânicos têm mostrado o uso de espécies animais e vegetais selvagens pelos povos indígenas, enquanto residiam nas missões espanholas (CUTHRELL et al., 2016; POPPER, 2016; POTTER et al. 2021).

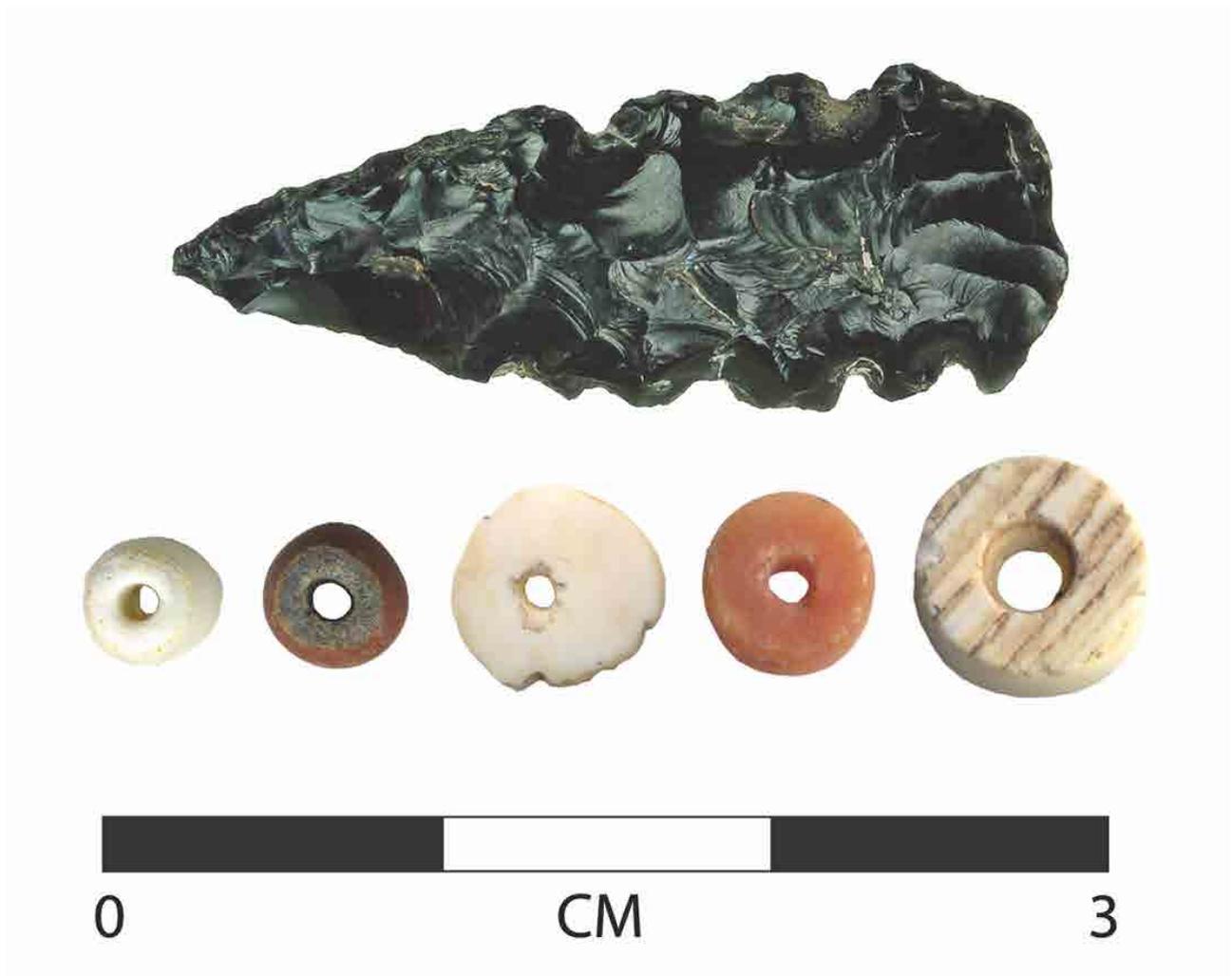


Figura 3. Exemplos de artefatos utilizados pelos povos indígenas vivendo em missões na área da Baía de São Francisco. Cima: ponta de flecha de obsidiana. Baixo: Contas de vidro e de concha.

O governo mexicano começou a fechar as missões franciscanas da Alta Califórnia em meados dos anos 1830 e, como as missões dominicanas da Baixa Califórnia, elas foram praticamente abandonadas no final dos anos 1840. Muitas pessoas indígenas retornaram a suas terras de origem ou criaram comunidades indígenas vivas e fortes mais próximas aos locais das missões fechadas. Outras procuraram trabalho em fazendas privadas ou em áreas urbanas em crescimento na região (PANICH, 2019). Ainda assim, os impactos do trabalho missionário nas Califórnia não podem ser subestimados. No sul da península da Baixa Califórnia, os desdobramentos da remoção forçada, das exigências de trabalho e das doenças deixaram poucas comunidades indígenas auto-identificadas no final do período colonial (CROSBY, 1994). Enquanto as comunidades indígenas continuam a existir hoje em dia em toda a Califórnia e no norte da Baixa Califórnia, os legados do período das missões reverberam de várias maneiras – particularmente no âmbito das relações entre as comunidades na Califórnia e o governo federal dos Estados Unidos (LIGHTFOOT et al., 2013).

## COLONIALISMO DE POVOAMENTO DOS ESTADOS UNIDOS

No final da década de 1840, os Estados Unidos anexaram a Alta Califórnia, evento seguido em breve pela descoberta de ouro. Durante esta corrida do ouro, a população de colonos não-nativos na Califórnia superou os nativos californianos pela primeira vez na história. Enquanto a base espanhola na Califórnia tinha suas raízes através do Atlântico, ela também fazia parte de um vasto império colonial que deixou sua marca em terras e povos de vários continentes (BEAULE; DOUGLASS, 2020). A expansão dos Estados Unidos para a Califórnia, em contraste, foi explicitamente entendida como parte da ideologia do *Manifest Destiny* [doutrina do destino manifesto] segundo a qual os habitantes brancos dos Estados Unidos viam como seu direito, ou até sua obrigação, de colonizar o continente norte-americano. Em meados do século XX, alguns historiadores contextualizaram este processo como “o avanço da fronteira atlântica em direção ao oeste”, no qual os anglo-americanos que chegaram à costa do Pacífico eram vistos simplesmente como o culminar de um único movimento cultural que começou com os primeiros colonizadores ingleses no século XVII (WRIGHT, 1948).

Aqui também, estes pontos de vista etnocêntricos ocultam uma complexidade considerável e encobrem a violência genocida que acompanhou a entrada dos Estados Unidos na Califórnia. As missões espanholas e mexicanas, com todas as suas falhas, eram projetadas para integrar os povos indígenas à ordem colonial. Mas sob o domínio dos Estados Unidos, os colonos buscavam as terras dos povos indígenas, não apenas seu trabalho. Assim, os anglo-americanos se propuseram a eliminar os povos indígenas, seja pela remoção forçada da terra ou simplesmente pela violência - um padrão de colonialismo de povoamento que prosseguiu de forma semelhante em outros contextos geográficos (WOLFE, 2001). Na Califórnia, várias políticas governamentais encorajaram os colonos e milícias locais a atacar comunidades indígenas californianas, levando à morte de milhares de homens, mulheres e crianças indígenas (LINDSAY, 2012; MADLEY, 2016). Este genocídio foi perpetrado principalmente contra os nativos californianos que viviam fora das regiões missionadas ao longo da costa, mas aqueles cujos antepassados tinham trabalhado nas missões ainda sofreram o roubo de suas terras e uma rede de leis destinadas a mantê-los como uma subclasse dócil (HURTADO, 1988).

Apesar das ameaças de violência, muitas pessoas indígenas que haviam sido associadas às missões utilizaram o conhecimento que haviam adquirido - a língua espanhola, os conhecimentos agrícolas e a familiaridade com a fé católica - para criar modos de vida funcionais para si mesmos e, às vezes, para se misturarem com a grande população mestiça da região. Muitos nativos californianos trabalhavam no setor da agricultura ou como empregados domésticos nas famílias de colonos brancos (BAUER, 2016; PANICH, 2020; RIZZO-MARTINEZ, 2022). Embora em menor número, outros povos indígenas eram participantes ativos no crescente comércio costeiro do século dezenove. Este comércio envolveu comerciantes americanos e europeus, os quais traziam mercadorias produzidas em massa para a Califórnia em troca de peles, couros e sebo, à medida que novas oportunidades comerciais se abriam depois que o México ganhou sua independência

da Espanha (IGLER, 2013:22-26). Durante a Corrida do Ouro de 1848-1849, o comércio aumentou ainda mais rápido. São Francisco rapidamente se tornou o principal porto através do qual o comércio externo de importação era direcionado - atraindo navios da Ásia, América do Sul, Europa e leste da América do Norte - embora os portos locais continuassem a ser importantes no abastecimento das áreas periféricas e na sua conexão com aos mercados (DELGADO, 2009).



Figura 4. Artefatos de metal e de vidro junto com restos faunísticos nativos e importados, encontrados em uma área residencial indígena de um Entreposto da Califórnia central (ver PANICH, DEANTONI, e SCHNEIDER, 2021).

Dado o influxo de itens materiais produzidos em massa, muitos arqueólogo(a)s tiveram dificuldade em identificar e interpretar locais relacionados aos povos indígenas a partir de meados do século XIX (PANICH, 2019). No entanto, a pesquisa arqueológica é explícita. Os povos nativos utilizavam objetos produzidos em massa como vasilhas de cerâmica importadas, utensílios metálicos e garrafas de vidro, conjuntamente com itens com antecedentes nas tradições locais de materiais pré-contato, tais como objetos de obsidiana e contas de conchas, bem na segunda metade do século XIX (PANICH; DEANTONI; SCHNEIDER, 2021; SCHNEIDER, 2021; SUNSERI, 2017). Independentemente de sua origem, todos esses materiais estão legitimamente ligados à história dos povos indígenas (Figura 4). Conceitualmente, o contexto de trabalho é uma forma de abordar estas questões, uma vez que os nativos californianos utilizaram toda a extensão da cultura material euro-americana, desde a arquitetura até a louça de mesa, no decorrer de seu trabalho em espaços cada vez mais compartilhados (SILLIMAN, 2010). Independentemente de sua localização na paisagem, todas as pessoas indígenas encontraram várias maneiras de navegar por formas mais arraigadas de “colonialismo prolongado” (LIGHTFOOT; GONZALEZ, 2018). Caberá aos arqueólogos e arqueólogas desenvolverem as ferramentas para encontrar, interpretar e proteger esses locais de presença indígena de longo prazo (SCHNEIDER; PANICH, 2022).

## CONCLUSÕES: CONEXÕES ATLÂNTICAS E PERSISTÊNCIA INDÍGENA NA CALIFÓRNIA DE HOJE

Hoje, a Califórnia continua a ser uma espécie de paradoxo geográfico. Está inexoravelmente ligada ao Pacífico pela geografia, e cada vez mais através de conexões econômicas e imigração. No entanto, a memória coletiva da Califórnia está repleta de conexões atlânticas. O Golfo da Califórnia - o corpo de água que separa a península da Baixa Califórnia do México continental - é frequentemente chamado de Mar de Cortez, fazendo referência ao conquistador espanhol Hernán Cortés. O primeiro europeu a navegar nas águas da Alta Califórnia, Juan Rodríguez Cabrillo, continua sendo celebrado com seu nome atribuído a vários lugares em toda a região. Ao norte da Baía de São Francisco, várias características comemoram a viagem do inglês Francis Drake, em 1579. A lista é longa. Mas são verdadeiramente as missões espanholas que deixaram o legado mais duradouro na paisagem moderna da Califórnia. Todas as igrejas missionárias constituem marcos históricos registrados, réplicas de sinos missionários traçam a rota de El Camino Real, e o nome do missionário franciscano Junípero Serra adorna várias estradas, escolas, e até mesmo empresas. Tomadas coletivamente, as missões fornecem uma lente de herança comum através da qual os habitantes da Califórnia continuam a ver o passado europeu da região. Após quase dois séculos, as raízes europeias da Califórnia vivem no legado fantasioso das missões (KRYDER-REID, 2016; LORIMER, 2016).

Assim como no início do período colonial, os nativos californianos, muitas vezes, permanecem ainda na posição de atores amplamente marginalizados nas narrativas eurocêntricas. No cenário do século XXI, eles continuam sendo apresentados em papéis estáticos e passivos nas façanhas dos primeiros exploradores europeus e no chamado projeto civilizatório das missões católicas. No entanto, os californianos nativos possuem laços profundos com esta região, não apenas com o passado anterior ao contato com os europeus, mas também com as missões e ainda com lugares ocupados mais recentemente (CHILCOTE, 2015; SCHNEIDER, 2019). Isto não é exclusivo da Califórnia, e vários povos ao redor do mundo estão atualmente lutando por uma compreensão mais profunda de sua própria história em relação à globalização (MONTÓN-SUBÍAS; DIXON, 2021). Parafrazeando Kent Lightfoot e Antoinette Martinez (1995:473), a fronteira de uma sociedade é a terra ancestral de outra. Nas três décadas desde o quicentenário da primeira viagem de Colombo pelo Atlântico, arqueóloga(o)s têm avançado para um reconhecimento maior destes princípios. Mas há mais trabalho a ser feito para situar o colonialismo europeu dentro dos lugares, relacionamentos e visões de mundo duradouros que os povos indígenas têm mantido ao longo dos últimos 530 anos.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Marianne Sallum e Francisco Silva Noelli por me convidarem a participar deste dossiê e a Gabby Hartemann pela excelente tradução. Este ensaio é uma síntese de muitos projetos em que trabalhei na Califórnia e na Baixa Califórnia, e estou grato por todos os esforços da(o)s arqueóloga(o)s, historiadora(e)s, colaboradores das comunidades e estudantes que têm me ajudado ao longo do caminho.

**REFERÊNCIAS**

- ACEBO, Nathan P. Survivance Storytelling in Archaeology. IN: PANICH, Lee M. and Sara L. Gonzalez. *Routledge Handbook of the Archaeology of Indigenous-Colonial Interaction in the Americas*. London: Routledge, 2021, p. 468–485.
- ALLEN, Rebecca. *Native Americans at Mission Santa Cruz, 1791–1834: Interpreting the Archaeological Record*. Los Angeles: University of California Institute of Archaeology, 1998
- ARCHIBALD, Robert. *The Economic Aspects of the California Missions*. Washington, DC: Academy of American Franciscan History, 1978.
- BAUER, William J. California. IN: HOXIE, Frederick E. *The Oxford Handbook of American Indian History*. Oxford: Oxford University Press, 2016, 275–299.
- BEAN, Lowell John; VANE, Sylvia Brakke. Cults and Their Transformations. IN: HEIZER, Robert F. *Handbook of North American Indians, Vol. 8: California*. Washington, DC: Smithsonian Institution, 1978, 662–672.
- BEAULE, Christine D.; DOUGLASS, John C. *The Global Spanish Empire: Five Hundred Years of Place Making and Pluralism*. Tucson: University of Arizona Press, 2020.
- BRAJE, Todd J., DILLEHAY, Tom D.; ERLANDSON, Jon M.; KLEIN, Richard G.; RICK, Torben C. Finding the First Americans. *Science* v. 358, 6363, p. 592–594, 2017.
- BROWN, Kaitlin M. *Becoming 'Amuwu: socioeconomic transformation and persistence of the Chumash community at Mission La Purísima Concepción, AD 1813-1848*. PhD dissertation, Department of Anthropology, University of California, Santa Barbara, 2021.
- BUSCAGLIA, Silvana. Materiality and Indigenous Agency: Limits to the Colonial Order (Argentinian Patagonia, Eighteenth-Nineteenth Centuries). *International Journal of Historical Archaeology* v. 21, p. 641–673, 2017.
- CHILCOTE, Olivia. Pow Wows at the Mission: Identity and Federal Recognition for the San Luis Rey Band of Luiseño Mission Indians. *Boletín: Journal of the California Missions Studies Association* v. 31, p. 79–87, 2015.
- COOK, Sherburne F. *The Conflict between the California Indian and White Civilization*. Berkeley: University of California Press, 1976.
- CORDERO, Jonathan F. California Indians, Franciscans, and the Myth of Evangelical Success. *Boletín: Journal of the California Missions Foundation* v. 33, p. 62–79, 2017.
- CROSBY, Harry W. *Antigua California: Mission and Colony on the Peninsular Frontier, 1697–1768*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1994.
- CUTHRELL, Rob Q., PANICH, Lee M.; HEGGE, Oliver R. Investigating Native Californian Tobacco Use at Mission Santa Clara, California, through Morphometric Analysis of Tobacco (*Nicotiana* spp.) Seeds. *Journal of Archaeological Science: Reports* v. 6, p. 451–662, 2016.
- DELGADO, James P. *Gold Rush Port: The Maritime Archaeology of San Francisco's Waterfront*. Berkeley: University of California Press, 2009.
- DES LAURIERS, Matthew; DAVIS, Loren G.; TURNBULL, J.; SOUTHON, John R.; TAYLOR, R.E. The Earliest Shell Fishhooks from the Americas Reveal Fishing Technology of Pleistocene

Maritime Foragers. *American Antiquity* v. 82, p. 1–19, 2017.

- DIETLER, John, GIBSON, Heather; VARGAS, Benjamin. “A Mourning Dirge was Sung”: Community and Remembrance at Mission San Gabriel. IN: HULL, Kathleen L. and John G. DOUGLASS, *Forging Communities in Colonial Alta California*. Tucson: University of Arizona Press, 2018, p. 62–87.
- HUGHES, Richard E.; MILLIKEN, Randall. Prehistoric Material Conveyance. IN: JONES, Terry L. and Kathryn A. KLAR, *California Prehistory: Colonization, Culture, and Complexity*. Lanham, MD: Altamira Press, 2007, p. 259–271.
- HULL, Kathleen L. *Pestilence and Persistence: Yosemite Indian Demography and Culture in Colonial California*. Berkeley: University of California Press, 2009.
- HURTADO, Albert L. *Indian Survival on the California Frontier*. New Haven: Yale University Press, 1988.
- IGLER, David. *The Great Ocean: Pacific Worlds from Captain Cook to the Gold Rush*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- JACKSON, Robert H.; CASTILLO, Edward. *Indians, Franciscans, and Spanish Colonization: The Impact of the Mission System on California Indians*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1995.
- JOHNSTON, Sky Michael. “What is California? Nothing but Innumerable Stones”: German Jesuits, Salvation, and Landscape Building in the California Missions. *Journal of Jesuit Studies* v. 2, p. 36–55, 2015.
- KRYDER-REID, Elizabeth. *California Mission Landscapes: Race, Memory, and the Politics of Heritage*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2016.
- LIGHTFOOT, Kent G. Culture Contact Studies: Redefining the Relationship between Prehistoric and Historical Archaeology. *American Antiquity* v. 60, p.199–217, 1995.
- LIGHTFOOT, Kent G. *Indians, Missionaries, and Merchants: The Legacy of Colonial Encounters on the California Frontiers*. Berkeley: University of California Press, 2005.
- LIGHTFOOT, Kent G.; GONZALEZ, Sara L. The Study of Sustained Colonialism: An Example from the Kashaya Pomo Homeland in Northern California.” *American Antiquity* v. 83, p. 427–443, 2018.
- LIGHTFOOT, Kent G.; MARTINEZ, Antoinette. 1995. Frontiers and Boundaries in Archaeological Perspective. *Annual Review of Anthropology* v., 24, p. 471– 492, 1995.
- LIGHTFOOT, Kent G.; PARRISH, Otis. *California Indians and Their Environment: An Introduction*. Berkeley: University of California Press, 2009.
- LIGHTFOOT, Kent G.; SIMMONS, William S. Culture Contact in Protohistoric California: Social Contexts of Native and European Encounters. *Journal of California and Great Basin Anthropology* v. 20., 2, p. 138–170, 1998.
- LIGHTFOOT, Kent G., PANICH, Lee M.; SCHNEIDER, Tsim D.; GONZALEZ, Sara L.; RUSSELL, Matthew A; MODZELEWSKI, Darren; MOLINO, Theresa; BLAIR, Elliot H. The Study of Indigenous Political Economies and Colonialism in Native California: Implications for Contemporary Tribal Groups and Federal Recognition. *American Antiquity* v. 78, p. 89–103, 2013.

- LINDSAY, Brendan C. *Murder State: California's Native American Genocide, 1846-1873*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2012.
- LORIMER, Michelle M. *Resurrecting the Past: The California Mission Myth*. Pechanga, CA: Great Oaks Press, 2016.
- MADLEY, Benjamin. *An American Genocide: The United States and the California Indian Catastrophe*. New Haven: Yale University Press, 2016.
- MATHES, Miguel. La incorporación de las Californias a la historia universal. IN: *Memorias: Balances y Perspectivas de la Antropología e Historia de Baja California, 2002-2004*. Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2008, p. 358-361.
- MEIGS, Peveril III. *The Dominican Mission Frontier of Lower California*. Berkeley: University of California Press, 1935.
- MONTÓN-SUBÍAS, Sandra; DIXON, Boyd. Margins are Central: Identity and Indigenous Resistance to Colonial Globalization in Guam. *World Archaeology* v. 53, 3, p. 419-434, 2021.
- PANICH, Lee M. Native American Consumption of Shell and Glass Beads at Mission Santa Clara de Asís. *American Antiquity* v. 79, p. 730-748, 2014.
- PANICH, Lee M. "Sometimes They Bury the Deceased's Clothes and Trinkets": Indigenous Mortuary Practices at Mission Santa Clara de Asís. *Historical Archaeology* v. 49, 4, p. 110-129, 2015.
- PANICH, Lee M. "Mission Indians" and Settler Colonialism: Rethinking Indigenous Persistence in Nineteenth-Century Central California. IN: LAW PEZZAROSSO, Heather, and Russell N. Sheptak, *Indigenous Persistence in the Colonized Americas*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2019, p. 121-144.
- PANICH, Lee M. *Narratives of Persistence: Indigenous Negotiations of Colonialism in Alta and Baja California*. Tucson: University of Arizona Press, 2020.
- PANICH, Lee M.; GONZALEZ, Sara L. *Routledge Handbook of the Archaeology of Indigenous-Colonial Interaction in the Americas*. London: Routledge, 2021.
- PANICH, Lee M.; ALLEN, Rebecca; GALVAN, Andrew. The Archaeology of Native American Persistence at Mission San José. *Journal of California and Great Basin Anthropology* v. 38, 1, p. 11-29, 2018.
- PANICH, Lee M., GeorgeAnn DeAntoni, and Tsim D. Schneider. "By the Aid of His Indians": Native Negotiations of Settler Colonialism in Marin County, California, 1840-70. *International Journal of Historical Archaeology* v. 25, p. 92-115, 2021.
- PANICH, Lee M.; HYLKEMA, Mark; SCHNEIDER, Tsim D. Points of Contention: Tradition, Resistance, and Arrow Points in the California Missions. *Journal of Anthropological Archaeology* v. 64, 101366, 2021.
- PEELO, Sarah. Baptism Among the Salinan Neophytes of Mission San Antonio de Padua: Investigating the Ecological Hypothesis. *Ethnohistory* v. 56, p. 589-624, 2009.
- PEELO, Sarah; HYLKEMA, Linda; ELLISON, John; BLOUNT, Clinton; HYLKEMA, Mark; MAHER, Margie; GARLINGHOUSE, Tom; MCKENZIE, Dustin; D'ORO, Stella; BERGE, Melinda. Persistence in the Indian *Rancharía* at Mission Santa Clara de Asís. *Journal of California and Great Basin Anthropology* v. 38, 2, p. 207-234, 2018.

- POPPER, Virginia S. Change and Persistence: Mission Neophyte Foodways at Selected Colonial Alta California Institutions. *Journal of California and Great Basin Anthropology* v. 36, 1, p. 5–25, 2016.
- POTTER, James M.; CLARK, Tiffany; REDDY, Seetha. Subsistence and Ritual: Faunal and Plant Exploitation at the Mission Santa Clara de Asís Ranchería (CA-SCL-30H). *California Archaeology* 13(2):203-225, 2021.
- RINGELSTEIN, Austin. *Galleons, Temples, and Beads: An Investigation of a Colonial Archaeological Assemblage from the Tongva Village of Nájquqar at Two Harbors, Pimu Santa Catalina Island, California (CA-SCal-39)*. Master's thesis, Department of Anthropology, California State University, Northridge, 2016.
- RIZZO-MARTINEZ, Martin. *We Are Not Animals: Indigenous Politics of Survival, Rebellion, and Reconstitution in Nineteenth-Century California*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2022.
- ROJAS CHÁVEZ, Juan Martín; MICHELINI, Antonio Porcayo. Archaeological Investigations at the Mission of San Fernando Velicatá, Baja California. *Boletín: Journal of the California Mission Studies Association* v. 31, p. 132–144, 2015.
- RUBERTONE, Patricia. Archaeologies of Colonialism in Unexpected Times and Unexpected Places. IN: OLAND, Maxine, Siobhan M. Hart, and Liam Frink. *Decolonizing Indigenous Histories: Exploring Prehistoric/Colonial Transitions in Archaeology*. Tucson: University of Arizona Press, 2012, p. 267–281.
- RUSSELL, Matthew A. The Search for *San Agustín*: National Park Service Investigations in Drakes, Bay, Point Reyes National Seashore. IN: WILLIAMS, Scott S. and Roberto Junco. *The Archaeology of Manila Galleons in the American Continent*. Cham: Springer, 2021, p. 67-75.
- SALLUM, Marianne; NOELLI, Francisco S. An Archaeology of Colonialism and the Persistence of Women Potters' Practices in Brazil: From Tupiniquim to Paulistaware. *International Journal of Historical Archaeology* v. 24, p. 546–570, 2020.
- SCHNEIDER, Tsim D. Heritage In-Between: Seeing Native Histories in Colonial California. *The Public Historian*. V. 41, 1, p. 51–63, 2019.
- SCHNEIDER, Tsim D. *The Archaeology of Refuge and Recourse: Coast Miwok Resilience and Indigenous Hinterlands in Colonial California*. Tucson: University of Arizona Press, 2021.
- SCHNEIDER, Tsim D.; Panich, Lee M. *Archaeologies of Indigenous Presence*. Gainesville: University Press of Florida, 2022.
- SILLIMAN, Stephen W. Indigenous Traces in Colonial Spaces: Archaeologies of Ambiguity, Origin, and Practice. *Journal of Social Archaeology* v. 10, 1, p. 28–58, 2010.
- SILLIMAN, Stephen W. Archaeologies of Indigenous Survivance and Residence: Navigating Colonial and Scholarly Dualities. IN: FERRIS, Neal, Rodney Harrison, and Michael V. Wilcox. *Rethinking Colonial Pasts through Archaeology*. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 57–75.
- SKOWRONEK, Russell K. On the Fringes of New Spain: The Northern Borderlands and the Pacific. IN: GAIMSTER, David and Teresita Majewski. *International Handbook of Historical Archaeology*. New York: Springer, 2009, p. 471–505

- SUNSERI, Charlotte K. Capitalism as Nineteenth-Century Colonialism and Its Impacts on Native Californians. *Ethnohistory* v. 64, p. 471–495.
- THOMAS, David Hurst. *Columbian Consequences, Vol. 1: Archaeological and Historical Perspectives on the Spanish Borderlands West*. Washington, DC: Smithsonian Institution, 1989.
- THOMAS, David Hurst. *Columbian Consequences, Vol. 2: Archaeological and Historical Perspectives on the Spanish Borderlands East*. Washington, DC: Smithsonian Institution, 1990.
- THOMAS, David Hurst. *Columbian Consequences, Vol. 3: The Spanish Borderlands in Pan-American Perspective*. Washington, DC: Smithsonian Institution, 1991.
- VON DER PORTEN, Edward P. *Ghost Galleon: The Discovery and Archaeology of the San Juanillo on the Shores of Baja California*. College Station: Texas A&M University Press, 2019.
- WADE, Maria F. *Missions, Missionaries, and Native Americans: Long-Term Processes and Daily Practices*. Gainesville: University Press of Florida, 2008.
- WOLFE, Patrick. Land, Labor, and Difference: Elementary Structures of Race. *American Historical Review* v. 106, p. 866–905, 2001.
- WRIGHT, Louis B. The Westward Advance of the Atlantic Frontier. *Huntington Library Quarterly* v. 11, 3, p. 262-275, 1948.

Recebido em: 27/05/2022  
Aprovado em: 30/05/2022  
Publicado em: 30/06/2022